



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUCAS ZANI BOTTON

LEITURAS DE EDUCAÇÃO NA TEORIA DE GRAMSCI

ERECHIM

2016

LUCAS ZANI BOTTON

LEITURAS DE EDUCAÇÃO NA TEORIA DE GRAMSCI

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para a obtenção de
grau de Licenciado em Ciências Sociais da
Universidade Federal da Fronteira Sul –
Campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

ERECHIM

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D

CEP: 89802-210

Caixa Postal 181

Bairro Jardim Itália

Chapecó - SC

Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Botton, Lucas Zani

Leituras de educação na teoria de Gramsci/ Lucas Zani

Botton. -- 2016.

39 f.

Orientador: Thiago Ingrassia Pereira.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências Sociais, Erechim, RS, 2016.

1. Educação. 2. Gramsci. 3. Hegemonia. 4. Intelectuais. I. Pereira, Thiago Ingrassia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LUCAS ZANI BOTTON

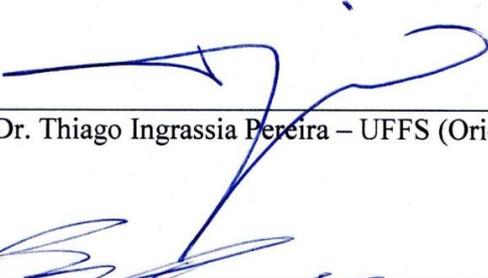
LEITURAS DE EDUCAÇÃO NA TEORIA DE GRAMSCI

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus Erechim*.

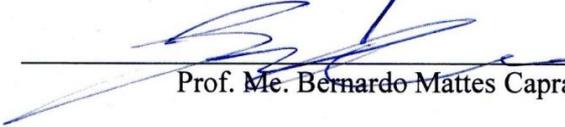
Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

Trabalho defendido e aprovado pela banca em: 02/12/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira – UFFS (Orientador)



Prof. Me. Bernardo Mattes Caprara – UFFS



Prof. Dr. Luis Fernando Santos Corrêa da Silva – UFFS

Dedico a todas as pessoas que pensam o mundo onde vivem, respeitando as diferentes formas de pensar e coexistindo nesse mesmo espaço e tempo.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador, à família, em especial minha mãe; minha namorada que foi a primeira instigadora do retorno aos estudos, pelas constantes ajudas em todas as esferas que de uma maneira ou outra impactavam no curso. Aos professores que durante a formação foram muito receptivos quando necessário no desenrolar de problemas existentes ao longo dos semestres. Outro agradecimento especial, agora aos colegas, que mesmo com as frequentes mudanças de turma na segunda metade do curso, de uma maneira ou de outra sempre mantiveram contato e, no mínimo, serviram de amigos para escutar lamúrias, não só relacionadas ao curso, mas ao dia-a-dia, o que já mostra a cumplicidade desenvolvida nesses anos. Ao pessoal do carro que sempre tolerou os atrasos e entendia quando eu esquecia de avisar que não ia na aula, e acabam passando da mesma forma na minha casa.

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram nessa formação, seja direta ou indiretamente.

Entre o otimismo da vontade e pessimismo da razão.

Antonio Gramsci

RESUMO

O presente trabalho busca aprofundar as leituras da educação na teoria de Gramsci, tendo como objetivo principal analisar as teorias de Gramsci, pontuando sua contribuição para a educação. Para isso, o percurso metodológico é a revisão bibliográfica, pesquisando a visão de diferentes autores acerca da educação nas obras de Gramsci e apresentando alguns conceitos que aparecem em outras obras, de forma a facilitar na compreensão e na análise da obra escolhida como base bibliográfica central: o livro *Antonio Gramsci*, de Attilio Monasta, traduzido e organizado por Paolo Nosella, publicado pelo MEC no ano de 2010, parte da Coleção Educadores. Através da análise da obra e demais leituras, pretende-se responder ao questionamento principal: qual a contribuição dos estudos de Gramsci para a educação? Gramsci, um intelectual orgânico, fez uma leitura interligada das diferentes esferas sociais, perpassando sua visão sempre dentro dessa interligação. E sua preocupação com as mudanças necessárias à educação para acompanhar o mundo estiveram e estão presentes em todos os debates acerca da educação.

Palavras-chave: Gramsci. Educação. Hegemonia. Intelectuais.

ABSTRACT

The present work seeks to deepen the reading of education in Gramsci's theory, having as main objective the analysis of Gramsci's theories, punctuating his contribution to education. Thus, the methodological route is a bibliographical review, researching the view of different authors about education in the works of Gramsci, and presenting some concepts that appear in other works in order to facilitate the understanding and analysis of the work chosen as bibliographic foundation: *Antonio Gramsci*, by Attilio Monasta, translated and organized by Paolo Nosella, published by MEC in 2010, as part of the Educators Collection. Through the analysis of the work and other readings, it is intended to answer the main question: what is the contribution of Gramsci's studies to education? Gramsci, an organic intellectual, made an interconnected reading of the different social spheres, always permeating his vision within this interconnection. And his concerns about the changes required so education would follow the world have been and still are present in every debate about education.

Keywords: Gramsci. Education. Hegemony. Intellectuals.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O AUTOR.....	14
2.1	ANTONIO GRAMSCI.....	14
2.2	CONCEITOS GERAIS.....	15
2.2.1	Educação.....	15
2.2.2	Sociedade civil, sociedade política e Estado.....	18
2.2.3	Hegemonia.....	21
3	ANTONIO GRAMSCI NA COLEÇÃO EDUCADORES DO MEC.....	23
3.1	PEDAGOGIA DE GRAMSCI.....	23
3.2	A FILOSOFIA DA PRÁXIS.....	26
3.2.1	Nova estratégia educativa.....	27
3.2.2	Observações sobre a escola: para a investigação do princípio educativo.....	27
3.3	SOCIALISMO E CULTURA.....	28
3.4	A UNIVERSIDADE POPULAR E A ESCOLA DO TRABALHO.....	29
3.5	CULTURA.....	31
3.5.1	A escola de cultura.....	31
3.5.2	Estudo da filosofia e da história da cultura.....	31
3.6	HISTÓRIA DOS INTELECTUAIS.....	33
3.6.1	Intelectuais de tipo urbano e de tipo rural.....	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema central as leituras de educação na teoria de Gramsci. Esse tema foi escolhido na parte final da graduação, pois com a chegada do estágio de prática docente se acentuaram dúvidas sobre que tipo de professor ser e como atuar na sala de aula. Pensando se um professor deveria ser doutrinador, do estilo iluminista, revelando o mundo aos alunos e mostrando suas preferências como o caminho certo a ser seguido, ou se ao invés disso, deveria mostrar as diferentes concepções de mundo e de interpretação e explicação do mesmo e deixar os alunos escolherem por si os balizadores ideológicos de suas preferências. Essas dúvidas levaram à Gramsci, que aborda de forma muito peculiar o tema intelectuais, e os articula com Educação, deixando bem claro que intelectual não é só aquele que trabalha com Ciência, mas também aquele que de uma forma ou de outra ajuda na difusão de determinada ideologia.

Antonio Gramsci (1891-1937) contribuiu de forma significativa com a educação, através da análise das diferentes formas utilizadas para a educação e formação cultural dos povos. É possível perceber nas obras do autor a preocupação com a formação de intelectuais que realmente se comprometam com a transformação da sociedade, e não apenas que reforcem a classe dominante.

A educação é vista como uma manifestação da cultura que, assim como as demais manifestações depende do contexto histórico e social em que se encontra. Sendo assim, o termo tem sido utilizado tanto pelo seu sentido social quanto pelo individual.

Quando utilizada pelo ponto de vista social, percebe-se que a educação se baseia na transmissão de normas, valores, conhecimentos em geral, usos e costumes que são aceitos pelo meio social em que está inserida, sendo repassada pelas gerações mais velhas à geração mais nova. Porém, quando levado em conta o ponto de vista individual, ela está relacionada ao desenvolvimento tanto de aptidões quanto de potencialidades, únicas para cada indivíduo, aprimorando a personalidade.

Para Gramsci, as sociedades acabam criando um tipo de intelectual que esteja, na realidade, afinado com os interesses desse grupo, nas mais variadas vertentes (filosófica, política, social, técnica, econômica...) influenciando, dessa forma, a formação de uma cultura específica.

Por muito tempo, o monopólio da religião, filosofia e ciências esteve na mão de uma categoria denominada por Gramsci de eclesiásticos, formada por intelectuais proeminentes

que chamaram para si a administração das escolas, dominando assim o conhecimento e a cultura, impondo seus próprios padrões de moral, justiça social e possibilidade de benefícios.

Percebe-se nas palavras de Gramsci, presentes em diferentes obras, como de Durigetto (2014), Wanderley (2012), Buckel; Lescano (2009), Monasta (2010), Nosella; Azevedo (2009) e Alves (2010), a necessidade de compreender que todos têm direito de participar das decisões que envolvem a sociedade, e esse “todos” não deve envolver apenas as pessoas consideradas pelo grupo social dominante como intelectuais. Para ele, o homem é inteligente, utiliza seu intelecto, ou seja, pensa. Pensa e também se pensa, utilizando esse intelecto para agir e modificar o meio em que vive. Logo, o pensamento do homem é resultado direto da educação e da formação que recebeu, aumentando assim a responsabilidade da educação. Ao perceber a importância não apenas do talento para se construir uma sociedade justa, a escola precisa investir na formação moral, contribuindo para a implementação das modificações necessárias no ambiente social como um todo.

Outra questão importante é em relação à escola e sua necessidade de acompanhar as mudanças ocorridas através dos tempos, pois assim como a escola influencia a cultura geral da sociedade em que está inserida, ela também é influenciada por essa cultura. A sociedade exige novos profissionais, a demanda de alunos que chega às escolas é diferente, os pais estão em um novo ritmo, enfim, tudo está diferente. Sendo assim, a escola precisa modificar-se também.

Percebe-se que a concepção de escola para Gramsci engloba todo um conjunto potencialmente formativo, relacionado ao mundo do trabalho, não se reduzindo a um simples aparelho escolar convencional. Seguindo essa linha de pesquisa, levanta-se um problema de pesquisa: Qual a contribuição dos estudos de Gramsci para a educação?

Aprofundar um estudo com a intenção de destacar a contribuição de Gramsci para a educação remete a uma pesquisa bibliográfica detalhada, buscando a reconstrução de processos interativos que, segundo Weller (2007), produzem a construção social da realidade.

Gramsci, ao expandir o referencial teórico marxista, dando destaque a questões envolvendo a educação e a cultura, elaborou uma teoria que influenciou e continua influenciando diversas áreas, tanto do conhecimento quanto da atividade política. O fato de Gramsci ter, através de sua teoria e prática política, rompido com o dogmatismo que fossilizava o marxismo, segundo Monasta (2010), fez com que novas concepções de mundo fossem repensadas, tanto como método de crítica política quanto de produção de conhecimento.

No Brasil, é possível perceber a partir da segunda metade da década de 1970, a influência de Gramsci na área pedagógica, com os conceitos de Estado, sociedade civil e hegemonia como referências teóricas que formaram a base para a compreensão do real papel da organização escolar formal.

Pesquisar mais profundamente a área da educação, que pode ser considerada um ambiente intelectual analisado de forma vigorosa por Gramsci, contribuirá para reforçar a ideia do autor sobre a hegemonia da educação e a importância do professor e da escola na busca por uma atuação que fuja aos preceitos da reprodução mecânica, pretendida pelo capital (MONASTA, 2010).

A hegemonia na educação, para Gramsci, leva à escola unitária, tida como um esquema de organização do trabalho cultural e que tem como ponto de partida as relações sociais. E são essas relações sociais que fazem com que o tema em questão seja aplicado às Ciências Sociais, despertando o interesse de acadêmicos, pesquisadores e interessados no rumo da escola e na busca de solução para os problemas sociais.

Desvendar o universo das pesquisas de Gramsci e as leituras que o mesmo fez a respeito da educação justifica a importância do presente trabalho, que tem como objetivo geral analisar as teorias de Gramsci, compreendendo as perspectivas do mesmo acerca da educação, situando assim o presente trabalho no campo da Sociologia da Educação, mesmo sabendo do risco que é fazer um recorte numa obra caracterizada pela sua totalidade.

Para isso, os objetivos específicos são: apresentar alguns conceitos que aparecem em outras obras, de forma que a apresentação destes conceitos facilite na compreensão da análise da obra da Coleção Educadores de Attilio Monasta (2010), escolhida como base bibliográfica; aprofundar a pesquisa bibliográfica sobre Antonio Gramsci, tendo como base, principalmente, a obra citada.

A metodologia adotada para a realização do presente trabalho será a revisão bibliográfica que, segundo Gil (2007), possui caráter exploratório por permitir que o pesquisador tenha uma maior familiaridade com o problema explorado, através do aprimoramento de ideias ou descoberta de intuições.

Nessa linha de pesquisa, a revisão bibliográfica terá como base o livro da Coleção Educadores, publicado pelo MEC no ano de 2010, *Antonio Gramsci*, escrito por Attilio Monasta, traduzido e organizado por Paolo Nosella. A escolha da obra deve-se a sua importância “para o amadurecimento de ideias e de alternativas com vistas ao objetivo republicano de melhorar a qualidade das escolas e da prática pedagógica em nosso país” (HADDAD apud MONASTA, 2010, p. 7).

O trabalho inicia com a introdução, onde são apresentados o tema, a justificativa e relevância, os objetivos e a metodologia adotada. No segundo capítulo será feita a apresentação do autor Antonio Gramsci, os principais conceitos de suas obras, com base em diferentes autores, sendo que alguns serão mais aprofundados: escola, sociedade civil e sociedade política e mais brevemente o Estado e hegemonia, auxiliando na compreensão da obra base.

O terceiro capítulo trará a análise da obra escolhida como fio condutor do entendimento acerca da educação em Gramsci. Para encerrar serão apresentadas as considerações finais do trabalho, seguido das referências consultadas.

2 O AUTOR

Neste capítulo serão abordados aspectos gerais da vida de Antonio Gramsci e alguns conceitos apresentados pelo mesmo.

2.1 ANTONIO GRAMSCI

Antonio Gramsci nasceu em 1891, na Sardenha, e após iniciar seus estudos na Universidade de Turim, precisou abandoná-lo, por falta de recursos e problemas graves de saúde. Sendo Turim o centro da industrialização italiana da época, bem como o local em que surgiu a primeira organização da classe operária da Itália, Gramsci acompanhou tudo de perto. Sua aprendizagem política e educativa teve início durante a Primeira Guerra Mundial, momento em que trabalhava como jornalista e crítico de teatro (MONASTA, 2010).

Após o término da Guerra, identificado como o Turim “vermelho” Socialista, criou dois periódicos (*Ordine Nuovo* e *Unità*) para educar a nova classe operária que se criou através da indústria e da guerra. No *Ordine Nuovo* prevalecia temas envolvendo a relação entre a organização científica do trabalho (taylorismo e fordismo) e a organização científica da educação e da formação, sem, no entanto, representar apenas um exercício intelectual, pois Gramsci considerava o vínculo entre a organização do trabalho e a organização da cultura fundamental para controlar e dirigir a sociedade criada pelo desenvolvimento industrial. Segundo Monasta (2010), utilizava o termo “cultura profissional” para designar a nova preparação técnica e profissional necessária para a mão-de-obra, tanto do trabalhador especializado quanto do administrador.

No ano de 1923, houve uma reforma completa no sistema escolar italiano, acentuando “a separação ideológica entre a formação técnica e profissional (para o trabalho) e a formação cultural e científica para o desenvolvimento ‘espiritual’ da humanidade e, naturalmente, para a direção política do país” (MONASTA, 2010, p. 14).

A dissolução do Parlamento Italiano em novembro de 1926, juntamente com a promulgação de uma legislação especial pelo governo de Mussolini, dissolveu também as organizações de oposição e qualquer tipo de publicação contrária a essa nova legislação. Gramsci, parlamentar e secretário geral do Partido Comunista Italiano, aos 35 anos foi julgado e preso, com a afirmação do procurador geral, segundo Monasta (2010, p. 15): “Devemos impedir esse cérebro de funcionar durante vinte anos”. Gramsci ficou preso até o no de 1934,

quando conseguiu liberdade condicional e, no ano de 1937 conseguiu plena liberdade, morrendo logo após, de derrame cerebral.

A intenção de fazer com que o cérebro de Gramsci parasse de funcionar durante a sua prisão não se concretizou. Após ser preso, dedicou seus estudos à análise sobre hegemonia, ou seja, sobre o nexos existente entre a política e a educação, considerada uma análise importantíssima sobre o tema.

Foi na prisão que Gramsci escreveu os famosos *quaderni*, onde estão contidas suas concepções teóricas e políticas (PEREIRA, 2009).

Em seus escritos, Gramsci formula exemplos nos diferentes campos de estudo, passando pela filosofia, educação, literatura, história, cultura, sociologia, sempre demonstrando interesse em descobrir qual a real função intelectual dentro de uma sociedade que, para ele, não pode separar a função educativa e a função política.

2.2 CONCEITOS GERAIS

É possível perceber vários conceitos no decorrer das obras de Gramsci, presentes em diversos escritos dele e de outros pensadores acerca de sua obra. Entre eles, é possível destacar, para aprofundar o presente trabalho e atingir seu objetivo principal, os conceitos de educação, de sociedade civil e sociedade política e de hegemonia.

2.2.1 Educação

Segundo Gramsci, o velho é o elemento organizador de uma sociedade camponesa e artesanal. Já o novo é o especialista, que surgiu com o desenvolvimento da indústria, e é o tipo predominante nas sociedades capitalistas.

Em relação à nova teoria da educação, Gramsci critica a distinção tradicional da sociedade em relação ao trabalho manual e o trabalho intelectual. Nas palavras de Monasta (2010, p. 21, grifos do autor):

Segundo Gramsci, essa distinção é ideológica, na medida em que desvia a atenção das funções reais, no interior da vida social e produtiva, para os “aspectos técnicos” do trabalho. Em qualquer trabalho físico, até mesmo no mais degradante e mecânico, existe um mínimo de atividade intelectual. Assim, portanto, podemos dizer que todos os homens são intelectuais: porém nem todos exercem a função de intelectuais na sociedade. Não existe atividade humana da qual se possa excluir absolutamente alguma participação intelectual: não é possível separar o *homo faber* do *homo sapiens*.

Exemplificando e confirmando, em seu Caderno 12, Gramsci (2004, p. 1551) afirma:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentânea dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, e não somente um simples orador [...]; desde a técnica-como-trabalho passa-se à técnica-como-ciência e à concepção humanista da história, sem a qual se permanece “especialista” e não se passa à categoria de “dirigente” (especialista e político).

Gramsci acreditava que a educação técnica deveria ser a base do novo tipo de intelectual. Ou seja, deveria existir uma educação para todos e um vínculo estreito entre a escola e o trabalho e também entre a educação técnica e a educação humanista (MONASTA, 2010).

Esta educação humanista aparecia em vários escritos de Gramsci, e, mais uma vez, percebe-se uma característica de Marx, a relação entre teoria e prática. Gramsci chama de filosofia da práxis o vínculo inseparável entre a teoria e a prática, e entre o pensamento e a ação. E afirma, segundo Monasta (2010), que a filosofia da práxis pode ser considerada original por ser a única ideologia que pode criticar a si própria, através da articulação entre teoria e prática.

Entre suas afirmações, é possível destacar:

A industrialização de um país se mede pela sua capacidade de construir máquinas que construam máquinas e na fabricação de instrumentos cada vez mais precisos para construir máquinas e instrumentos que construam máquinas etc. O País que possuir a melhor capacitação de construir instrumentos para os laboratórios dos cientistas e para construir instrumentos que fabriquem estes instrumentos, este país pode ser considerado o mais complexo no campo técnico-industrial, o mais civilizado, etc. Do mesmo modo ocorre na preparação dos intelectuais e nas escolas destinadas a tal preparação; escolas e instituições de alta cultura são similares. Neste campo, igualmente, a quantidade não pode ser destacada da qualidade. A mais refinada especialização técnico-cultural, não pode deixar de corresponder a maior ampliação possível da difusão da instrução primária e a maior solicitude no favorecimento dos graus intermediários ao maior número [...] (GRAMSCI, 1991 apud MONASTA, 2010, p. 9-10).

Percebe-se, também, na teoria gramsciana da educação, a preocupação em relacionar espontaneidade e conformidade, desde o enfoque filosófico até o enfoque educacional. Importante aprofundar essa questão para responder a um questionamento:

Ao adquirir a concepção própria de mundo, alguém pertence sempre a um grupo particular que é composto de todos aqueles elementos sociais que partilham do mesmo modo de pensar e de agir. Todos somos conformistas, de uma forma ou de outra, conformados ao homem de massa ou ao homem coletivo. O que é preciso saber é: de que natureza histórica é essa conformidade ou essa massa humana a que pertencemos? (MONASTA, 2010, p. 25).

Segundo Monasta (2010, p. 25),

Um dos temas mais debatidos das teorias gramscianas da educação é a relação entre “espontaneidade” e “conformidade”. Gramsci se ocupa deste problema quer na análise da passagem da “filosofia espontânea” para a “consciência crítica”, quer em suas notas sobre a escola, a educação e a “educação ativa”.

A partir da tese marxista que vê a produção da existência como demiurgo de toda a superestrutura, existência essa que nada mais é que o trabalho, Gramsci desenvolveu uma reflexão original sobre o sentido da cultura e da escola. Nesta reflexão, questiona o que ele denominou, nas palavras de Nosella e Azevedo (2009) como dualidade do sistema escolar, com dois tipos de escola, voltadas a dois tipos de classes de cidadãos:

[...] a escola desinteressada-do-trabalho, para a elite, com um programa humanista, de vasta e moderna cultura universal, destinada àqueles que não precisam se submeter ao imediatismo do mercado profissional; e a escola interessada-do-trabalho, precocemente profissionalizante, com um pragmático e pobre currículo, destinada à parcela majoritária da população, com o intuito de formar jovens para o imediatismo do mercado, sem preocupações com os valores universais (NOSELLA; AZEVEDO, 2009, p. 27).

Importante destacar que os termos interessado e desinteressado não estão relacionados nem à neutralidade e nem ao comprometimento político e/ou ideológico: para Gramsci, desinteressado está ligado a um horizonte cultural amplo, que deveria estar ao alcance de todos.

Para que isso aconteça, Gramsci cita a institucionalização da escola unitária, vista por ele como um esquema de organização do trabalho cultural, partindo das relações sociais existentes dentro do próprio capitalismo, como uma possibilidade de superar a dicotomia entre escola interessada e escola desinteressada. Pois para ele essa escola unitária está no horizonte de um processo dialético de construção, que, ao avançar, conseguirá se instalar, sobrepondo-se ao capitalismo.

[...] uma escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de maneira equânime o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades do trabalho intelectual. Desse tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo (GRAMSCI, 1975, p. 1531).

Porém, Gramsci tinha a real certeza que nem mesmo a escola unitária conseguiria romper a barreira da injustiça social se não fosse implementada através da união entre projeto político geral e projeto pedagógico. Ou seja:

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo (GRAMSCI, 1975, p. 1538).

Por acreditar nisso, Gramsci via o Estado como um todo, não apenas o governo, como o grande fomentador de políticas públicas, uma vez que o autor vê o mesmo tanto como produtor quanto produto das políticas públicas.

2.2.2 Sociedade civil, sociedade política e Estado

Percebe-se que Gramsci ampliou o conceito de Estado ao afirmar que o mesmo não se impõe apenas pela força, mas utiliza também fenômenos sociais como ideologia e cultura, que tem sua origem na educação e na escola.

Ou seja, Gramsci afirma ser o Estado um mega e um meta campo social. E, “por 'Estado' deve-se entender, além do aparelho governamental, também o aparelho 'privado' de 'hegemonia' ou Sociedade Civil" (GRAMSCI, 1989, p. 147).

Segundo Gramsci (1989, p. 96), “Se cada Estado tende a criar e a manter certo tipo de civilização e de cidadão (e, portanto, de convivência e de relações individuais), tende a fazer desaparecer certos costumes e hábitos e a difundir outros”.

Ao falar sobre Sociedade Civil e Sociedade Política, Gramsci afirma ser a primeira o conjunto das instituições civis, inclusive a escola, que atuam como formadoras da opinião pública, com poder de persuadir e convencer; e a segunda seria a que mantém, segundo Gramsci, o monopólio da violência, uma vez que desempenha o papel de coerção.

Nas palavras de Nosella; Azevedo (2009, p. 30), “Sociedade Civil e Sociedade Política são as duas expressões fundamentais contidas na fórmula gramsciana de Estado (força + hegemonia)”.

Para Gramsci,

[...] deve-se notar que na noção geral de Estado entram elementos que também são comuns à noção de sociedade civil (neste sentido, poder-se-ia dizer que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é hegemonia revestida de coerção) (1989, p. 149).

Os conceitos de sociedade civil, sociedade política e Estado aparecem constantemente na obra de Gramsci, e estão ligados intimamente com o conceito de Hegemonia que será apresentado no próximo subtítulo. Afinal, a Hegemonia pode ser vista como o produto de todos esses conceitos, sendo o Estado o resultado da soma entre sociedade civil e sociedade política.

É importante salientar que o Estado não garantiria essa hegemonia apenas com os aparelhos de coerção firmados pela Sociedade Política, como o monopólio da violência, por exemplo. Sendo assim, a hegemonia seria atingida com a confecção e firmação de valores simbólicos e culturais propostos de forma que pareça sutil, e é aqui que entra a Sociedade Civil, já que ela transmite para outras classes esses valores da classe dominante.

Nas palavras de Nosella e Azevedo (2009, p. 29):

A Sociedade Civil, ou seja, o conjunto das instituições civis, entre elas a escola, que formam a opinião pública, que criam e difundem a ideologia e a cultura, representa o pólo do consenso no Estado. Já a Sociedade Política desempenha o papel da coerção. Dito de outro modo, a Sociedade Política detém o monopólio da violência, enquanto a Sociedade Civil é o ambiente da persuasão e do convencimento.

Gramsci compreendia e concebia a relação pedagógica como uma experiência coletiva de emancipação. Ou seja,

[...] a relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente "escolares", através das quais as novas gerações entram em contato com as antigas e absorvem suas experiências e seus valores historicamente necessários, "amadurecendo" e desenvolvendo uma personalidade própria, histórica e culturalmente superior. Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército (GRAMSCI, 1975, p. 1331).

E também atribuía ao Estado uma tarefa educativa e formativa:

[...] que sempre tem o fim de criar novos e mais altos tipos de civilização, de adequar a “civilização” e a moralidade das mais vastas massas populares às necessidades de desenvolvimento contínuo do aparelho econômico de produção, portanto, de elaborar também fisicamente tipos novos de humanidade (GRAMSCI, 1975, p. 1576).

A escola, para Gramsci, não se reduz apenas ao seu papel convencional, mas envolve vários organismos formativos, advindos do mundo do trabalho:

Escolas de partido, instituições de elaboração da vida cultural, como revistas e jornais operários (a célebre experiência de *L'Ordine Nuovo*, por exemplo), meios para organizar e difundir determinado tipo de cultura, como clubes, associações culturais, institutos de cultura popular etc (OLIVEIRA, 2010, p. 317, grifos do autor).

O Brasil não foi alvo das análises de Gramsci, provavelmente por ser, naqueles anos (1914 a 1935), um país de bases coloniais, que não tinha uma infraestrutura própria. Na atualidade, porém, percebem-se as influências de Gramsci na realidade brasileira.

Essa influência aparece na estrutura do Ensino Médio, com as novas estruturas homologadas pelo Ministério da Educação (MEC), através da Resolução nº 02, de 30 de janeiro de 2012.

O que se busca, segundo a Resolução, é

Um Ensino Médio que contemple a qualificação, a articulação com o mundo do trabalho e práticas produtivas, com responsabilidade e sustentabilidade e com qualidade cidadã. A proposta basicamente se constitui por um ensino médio politécnico que tem por base na sua concepção a dimensão da politécnica, constituindo-se na articulação das áreas de conhecimento e suas tecnologias com os eixos: cultura, ciência, tecnologia e trabalho enquanto princípio educativo. Já a educação profissional integrada ao ensino médio se configura como aquisição de princípios que regem a vida social e constroem, na contemporaneidade, os sistemas produtivos. O objetivo é socializar, esclarecer e aperfeiçoar a proposta de governo (BRASIL, 2008, p. 4).

O Ensino Médio Politécnico tem em sua concepção a base na dimensão politécnica, constituindo-se no aprofundamento da articulação das áreas de conhecimentos e suas tecnologias, com os eixos Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho, na perspectiva de que a apropriação e a construção de conhecimento embasam e promovem a inserção social da cidadania (BRASIL, 2008).

E, nas palavras de Gramsci, a politécnica se traduz por:

Pensar políticas públicas voltadas para a educação escolar integrada ao trabalho, à ciência e à cultura, que desenvolva as bases científicas, técnicas e tecnológicas necessárias à produção da existência e a consciência dos direitos políticos, sociais e culturais e a capacidade de atingi-los (GRAMSCI, 1978, p. 27).

Gramsci acreditava que o caminho para a escola era o da estruturação de uma escola unitária, que tornaria a instrução oferecida mais democrática, formando alunos com capacidade para tomar decisões, superando a tão antiga divisão de classes.

2.2.3 Hegemonia

No decorrer da obra de Monasta (2010), percebe-se a importância para Gramsci da hegemonia, que pode ser definida como a capacidade que um determinado grupo social, independente de sua área de ação ou atuação e de suas contradições de classes, de articular suas forças, além dos interesses econômicos imediatos. Ao fazer os apontamentos para a introdução e iniciação ao estudo da filosofia e da história da cultura, baseado no caderno 11 escrito por Gramsci (1932-1933), Monasta (2010, p. 80-81) aborda a questão da hegemonia:

A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real. A consciência de fazer parte de determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam.

O autor também chama a atenção para o grande processo filosófico representado pelo desenvolvimento político do conceito de hegemonia, uma vez que sua unidade intelectual e sua ética superaram o senso comum, tornando-se crítica, independente do fato da adstrição ainda existente em seus limites.

Ao se referir a Gramsci como um símbolo, Monasta (2010, p. 17-24) aborda a questão presente nos Cadernos 10 e 11, que tem como tema central a hegemonia política como processo educativo.

Gramsci faz uma análise sobre a formação de uma nova classe dominante e, segundo Monasta (2010, p. 23):

Gramsci introduz uma importante distinção entre “direção” e “dominação”, diferença que tinha sido assinalada por Lenin, ao distinguir o uso da força (na fase chamada “provisória” da ditadura do proletariado) e sobre o uso da hegemonia cultural para conseguir o consentimento do povo. Todavia, essa distinção tem outra significação para Gramsci ao afirmar que uma sociedade é “dirigida” por uma nova classe social “antes” que esta classe assuma o governo.

Nos excertos do Caderno 12 de Gramsci (1932), nos quais Monasta (2010, p. 92-100) faz apontamentos e notas para um conjunto de ensaios sobre a história dos intelectuais, o autor cita a sociedade civil e a sociedade política ou Estado como dois grande planos, definindo sociedade civil como “o conjunto de organismos chamados comumente de ‘privados’” e afirmando que a sociedade política ou Estado “correspondem à função de ‘hegemonia’ que o grupo dominante exerce em toda a sociedade, e àquela de ‘domínio direto’ ou de comando, que se expressa no Estado e no governo ‘jurídico’” (p. 98).

Hegemonia essa que também pode ser vista como o produto do domínio de uma classe sobre a outra, no qual a classe dominada vê nos valores e símbolos da classe dominante os valores que devem ser adotados para si, mesmo que esses valores sejam antagônicos à realidade vivida pela classe dominada.

Segundo Alves (2010, p. 74)

Gramsci afirma que é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática. Ademais, ele ressalta que esta concepção do mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior é desprovida de consciência crítica e coerência, é desagregada e ocasional.

Outro aspecto que também pode ser interpretado sobre a visão gramsciana de hegemonia é que ela pode ser a ponte para o caminho inverso à dominação, onde cada classe através da produção de intelectuais de seu interesse, munido de seus valores de classe poderia atuar diretamente em várias áreas da sociedade para uma mudança da cultura vigente.

Na sequência, serão abordados alguns conceitos de Gramsci, no livro *Antonio Gramsci*, de Attilio Monasta.

3 ANTONIO GRAMSCI NA COLEÇÃO EDUCADORES DO MEC

Neste capítulo será dada mais ênfase ao livro de Attilio Monasta, intitulado *Antonio Gramsci*, publicado pelo MEC no ano de 2010, parte da Coleção Educadores¹. O autor é professor de educação experimental na Universidade de Florença, Itália. Tem interesse por teoria e história da educação e também pela função dos intelectuais da sociedade, bem como pela relação existente entre educação e ideologia.

O livro, de 152 páginas, inicia com a apresentação feita por Fernando Haddad, Ministro de Estado da Educação de julho de 2005 e janeiro de 2012. Na sequência, o autor apresenta um breve ensaio sobre a trajetória de vida de Antonio Gramsci, abordando temas como sua aprendizagem política, a pedagogia de Gramsci, a filosofia da práxis, a nova estratégia educativa, uma análise crítica e o pensamento de Gramsci no contexto atual.

Monasta apresenta também textos selecionados do período de 1916 a 1926, denominados de Escritos Políticos, referentes a temas envolvendo socialismo e cultura, a escola do trabalho, a escola e a fábrica, a universidade popular, a relação entre homens e máquinas. O autor apresenta textos que discorrem sobre a escola de cultura e pequenos trechos (excertos) retirados do Caderno 11 de Gramsci, escrito entre os anos de 1932 e 1933, com apontamentos para uma introdução e uma iniciação ao estudo da filosofia e da história da cultura. Também apresenta excertos do Caderno 12, de 1932, com apontamentos e notas para um conjunto de ensaios sobre a história dos intelectuais.

Dando continuidade, Monasta discorre sobre a posição diversa dos intelectuais de tipo urbano e de tipo rural e sobre observações sobre a escola: para a investigação do princípio educativo; encerrando com algumas cartas que Antonio Gramsci escreveu aos familiares durante o período que esteve preso na Penitenciária de Turim, de dezembro de 1929 a agosto de 1932.

O livro de Monasta será apresentado seguindo a ordem em que diferentes conceitos aparecem na obra, porém, alguns temas, por estarem interligados foram reunidos e divididos em subitens.

3.1 PEDAGOGIA DE GRAMSCI

¹ Coleção publicada pelo MEC, Fundação Joaquim Nabuco, com a cooperação da UNESCO, que pode ser acessada gratuitamente em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4660.pdf>.

Monasta (2010) inicia sua obra abordando as questões voltadas à Pedagogia de Gramsci, afirmando que “A mensagem central de Gramsci é que a organização da cultura é ‘organicamente’ ligada ao poder dominante” (p. 20). Sendo assim, os intelectuais, para Gramsci, são definidos realmente através do papel que desempenham na sociedade e não simplesmente pelo trabalho que fazem. O papel desempenhado “de forma mais ou menos consciente, é sempre uma função de ‘liderar’ técnica e politicamente um grupo, quer o grupo dominante, quer outro grupo que aspire a uma posição de dominação” (MONASTA, 2010, p. 20).

Os escritos de Gramsci, em seu Caderno de Cárcere (1975) deixa claro que cada grupo social cria os intelectuais que lhe representa em diferentes campos (econômico, social e político). Isso se origina na função essencial do mundo da produção econômica.

Gramsci cita exemplos de intelectuais que ele denomina de intelectual orgânico e intelectual tradicional. O intelectual orgânico tem uma função técnica e política ao mesmo tempo. Como exemplo ele apresenta o empresário capitalista que, segundo o autor, é aquele que cria para si

[...] ao mesmo tempo, o técnico industrial, o especialista em economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo sistema jurídico etc. (...). O empresário representa um nível mais avançado da organização social, caracterizado por certa capacidade gerencial e técnica (isto é, intelectual) (MONASTA, 2010, p. 20).

Em relação aos intelectuais tradicionais, Gramsci cita os eclesiásticos e toda uma série de administradores, eruditos, cientistas, teóricos, filósofos laicos etc. eles desempenham a forma tradicional de trabalho intelectual, com continuidade histórica.

Sendo assim,

Se queremos encontrar um “critério unitário que caracterize todas as atividades variadas e diferentes dos intelectuais, que as distingam, ao mesmo tempo, das atividades de outros grupos sociais”, é um “erro metodológico” considerar somente “a natureza distintiva intrínseca das atividades intelectuais, em lugar de evidenciar o inteiro sistema de relações no qual elas (...) desenvolvem uma função no conjunto geral das relações (MONASTA, 2010, p. 21).

Em seu Caderno 12, Gramsci deixa bem claro sua visão de que todos os homens são intelectuais, apesar de que nem todos exercem essa função na sociedade. Ou seja, “Não existe atividade humana da qual se possa excluir absolutamente alguma participação

intelectual: não é possível separar o *homo faber*² do *homo sapiens*³” (GRAMSCI, 1932 apud MONASTA, 2010, p. 21, grifos do autor). Essa visão critica a distinção tradicional feita entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Crítica essa que “é um dos elementos mais importantes para a elaboração de uma nova teoria da educação” (MONASTA, 2010, p. 21). Essa distinção, para Gramsci, desvia a atenção das funções reais para os aspectos técnicos do trabalho, sendo considerada, por isso, como uma distinção ideológica.

Gramsci denuncia o que ele considera o caráter ideológico da dualidade existente entre o ensino clássico e o ensino técnico. Para o autor, essa dualidade reflete na divisão social que separa o trabalho intelectual e o trabalho manual, ocultando o que ele considera mais grave, que é a separação entre as funções que ele chama de diretivas e subalternas.

Em relação ao sentido da palavra educação, Monasta afirma:

Com referência à educação no sentido estrito da palavra, Gramsci considera que ‘[...] no mundo moderno a educação técnica, intimamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e menos qualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual’. Isso significa, portanto, uma educação para todos e um vínculo estreito entre a escola e o trabalho, assim como entre a educação técnica e a educação humanista (2010, p. 22)

Em suas teorias sobre a educação, Gramsci debate muito a relação entre o que ele chama de “espontaneidade” e “conformidade”. Ele afirma que “Todos somos conformistas, de uma forma ou de outra, conformados ao homem de massa ou ao homem coletivo. O que é preciso saber é: de que natureza histórica é essa conformidade ou essa massa humana a que pertencemos?” (MONASTA, 2010, p. 25). E para Gramsci, o processo de massificação pode ser considerado uma evolução, abandonando a condição primitiva do homem. Conforme ele,

Conformismo não significa outra coisa que a “socialização”, porém prefiro utilizar a palavra “conformismo” exatamente porque incomoda os imbecis. (...) É muito fácil sermos originais limitando-nos simplesmente a fazer o contrário do que fazem os demais. (...) O que realmente é muito difícil e árduo, é priorizar a disciplina e a sociabilidade e, portanto, exigir sinceridade, espontaneidade, originalidade e personalidade (MONASTA, 2010, p. 27)

Nessa linha de raciocínio, Monasta (2010) levanta a questão do verdadeiro problema da educação para Gramsci, relacionado à consciência sobre os diferentes tipos de conformismo existentes que tanto podem ser propostos ou impostos, priorizando um ao

² O homem que trabalha (trabalho manual).

³ O homem que pensa (trabalho intelectual)

outro, dependendo da sociedade. Como conformismo, nessa visão, o autor cita a socialização.

Ou seja, o enfoque científico da essência da educação, independente do nível, vai desde a liderança política até o que Gramsci chama de “conformismo” social, passando pela escola e pela família, sendo considerado por Gramsci como a verdadeira inovação da teoria geral da educação.

3.2 A FILOSOFIA DA PRÁXIS

Monasta (2010) inicia sua reflexão sobre a filosofia da práxis comparando a atitude de Gramsci à de Maquiavel, que se preocupava em descrever sempre a realidade e não a utopia, ou como deveria ser.

Tanto Gramsci quanto Maquiavel questionam a função educativa. Maquiavel através dos mecanismos do poder político e Gramsci dos mecanismos de ideologia.

Segundo Monasta (2010, p. 30), para Gramsci o pensamento crítico não é simplesmente uma oposição contra o que não se quer, ou apenas “[...] um jogo teórico que contrapõe duas teorias ou duas ideologias [...]”, mas sim “[...] a investigação contínua e o desvendamento das bases materiais da própria teoria, isto é, a crítica da utilização ideológica da teoria”.

Gramsci apresenta um enfoque ideológico, também visto como educativo, em sua estratégia educativa que é justamente a filosofia da práxis, definida por Monasta (2010, p. 30) como:

[...] um instrumento ideológico para expandir a consciência das massas sobre o mecanismo da política e da cultura e sobre a determinação histórica e econômica das ideias, tornando as massas populares melhor capacitadas para controlar suas vidas e ‘dirigir’ a sociedade ou ‘controlando os que a dirigem’.

Gramsci define, conforme afirma Monasta (2010, p. 31), a filosofia da práxis como “o vínculo inseparável entre teoria e prática, o pensamento e a ação”. Segundo Gramsci

A originalidade da “filosofia da práxis” se assenta no fato de que é a única ‘ideologia’ que pode criticar a si própria, isto é, que consegue descobrir as raízes ‘materiais’ (ou seja, econômicas e políticas) de todas as doutrinas (incluindo, portanto, do próprio marxismo) e articular entre si, permanentemente, a teoria com a prática (MONASTA, 2010, p. 31).

Para Gramsci, “a filosofia da práxis não busca manter ‘os simples’ na sua filosofia primitiva, do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior”. (MONASTA, 2010, p. 80).

Percebe-se ao longo dos escritos de Gramsci, que sua mensagem auxilia na descoberta de um enfoque cientificamente crítico dos processos ideológicos e educativos presente na educação.

3.2.1 Nova estratégia educativa

Gramsci fez a análise e apresentou a estratégia educativa através de um estudo aprofundado baseado na história dos intelectuais e na organização da cultura. Seu método de análise e de ação educativa enfocou os tipos de intelectuais, já citados e aprofundados no capítulo anterior, e as diferentes funções que os mesmos desempenham na sociedade em que estão inseridos.

Segundo Monasta (2010, p. 34), é preciso inovar tanto os métodos quanto os conteúdos e a própria organização do estudo, prestando atenção a algumas advertências:

[...] uma vinculação mais estreita entre a escola e o trabalho, entre a teoria e a prática; uma atenção maior à história da organização do trabalho e da cultura e, conseqüentemente, um maior interesse no estudo da “fortuna” dos clássicos e das teorias, isto é, no estudo das diferentes interpretações que tiveram na história. Finalmente, mas de grande importância: um debate aberto sobre os objetivos da educação e sobre os valores subjacentes à ação educativa em uma determinada sociedade.

Essas ações levariam à tomada de consciência dos educadores que a hegemonia política como processo educativo pode ser o início de um novo profissionalismo.

3.2.2 Observações sobre a escola: para a investigação do princípio educativo

Segundo Monasta (2010), Gramsci faz uma análise baseada na ruptura provocada pela Reforma Gentile, que colocou de um lado a escola elementar e média e do outro a escola superior. E cita as primeiras noções de ciências naturais e as noções dos direitos e deveres dos cidadãos, como os dois elementos que participavam na educação e na formação das crianças.

Na visão de Gramsci, o princípio educativo sobre o qual estava fundada a escola elementar era o conceito de trabalho. Para ele, “[...] o conceito e o fato do trabalho (da atividade teórico-prática) é o princípio educativo imanente à escola elementar, já que a ordem social e estatal (direitos e deveres) é introduzida pelo trabalho” (MONASTA, 2010, p. 115-

116). Em cima disso, o autor propõe uma escola fundamentada no trabalho moderno, porém de forma desinteressada, denominada por ele de escola unitária e seguida de escolas de ensino superior que sejam pautadas na teoria e na prática. E, o mais importante, “[...] uma escola unitária, básica para todos [...]” (MONASTA, 2010, p. 50).

Gramsci, em sua investigação sobre os princípios educativos, aborda também a questão do corpo docente.

É este o fundamento da escola elementar; que ele tenha dado todos os seus frutos, que no corpo dos professores tenha existido a consciência de seu dever e do conteúdo filosófico desse dever, é outro problema, ligado à crítica do grau de consciência civil de toda a nação, da qual o corpo docente é tão-somente uma expressão, amesquinhada ainda, e não certamente uma vanguarda (MONASTA, 2010, p. 116).

Frente a isso, Gramsci critica a insistência exagerada da pedagogia idealista de distinguir instrução e educação, afirmando ser um erro considerado por ele como grave. E atribui a representação do nexos instrução-educação ao trabalho do professor.

[...] na escola, o nexos instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor na medida em que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos; sendo também consciente de sua tarefa, que consiste em acelerar e em disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior. Se o corpo docente é deficiente e o nexos instrução-educação vem dissolvido, visando resolver a questão do ensino de acordo com esquemas no papel nos quais se exalta a educabilidade, a obra do professor se tornará ainda mais deficiente: ter-se-á uma escola retórica, sem seriedade, pois faltará a corporeidade material do certo, e o verdadeiro será verdadeiro de palavra, ou seja, retórico (MONASTA, 2010, p. 117).

Gramsci acreditava na atividade discente que deve ser estimulada a participar do trabalho docente de forma ativa, como um sujeito com capacidade de pensar, de estudar e agir frente a sociedade.

A escola, para Gramsci, tem como papel formar os intelectuais responsáveis por organizar uma nova cultura, alcançando assim o seu objetivo de contribuir com o processo de criação de uma contra hegemonia à hegemonia dominante. Para isso é necessário uma Escola pública e gratuita que envolva todas as gerações, sem nenhum tipo de divisão.

3.3 SOCIALISMO E CULTURA

Gramsci inicia seus escritos sobre socialismo e cultura recordando artigos de Enrico Leoni, e fragmentos de Novalis (1722-1801) e G. B. Vico. Em relação aos fragmentos, Gramsci afirma que nos mesmos estão diluídos “os limites e os princípios sobre os quais se deve fundar uma justa compreensão do conceito de cultura, mesmo em relação ao socialismo” (MONASTA, 2010, p. 52).

Percebe-se a crítica de Gramsci ao hábito de conceber a cultura como saber enciclopédico, pois é uma forma de cultura muito prejudicial, “principalmente para o proletariado” (op. cit., p. 52). Nas palavras do autor: “Serve apenas para criar desajustados, ente que crê ser superior ao resto da humanidade porque armazenou na memória certa quantidade de dados e de datas, que aproveita todas as ocasiões para estabelecer quase uma barreira entre si e os outros” (*idem*). E continua: “Mas isso não é cultura, é pedanteria, não é inteligência, mas bagagem intelectual, e contra ela se reage com razão” (*idem*).

Em relação à cultura, Gramsci afirma:

A cultura é uma coisa bem diversa. É organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior pela qual se consegue compreender o próprio valor histórico, a própria função na vida, os próprios direitos e os próprios deveres (MONASTA, 2010, p. 53).

Gramsci elaborou sua noção de cultura tendo como pano de fundo a realidade de lutas de classes e revolução da história italiana, e acredita na importância da cultura para as classes trabalhadoras, criticando a cultura burguesa e qualquer tipo ou forma de dominação intelectual e política advinda dessa cultura. Para ele a cultura é um saber que se produz na ação, criando e transformando o pensar.

E, para resolver o problema da cultura, na opinião de Gramsci, a única alternativa seria através da educação socialista do proletariado.

3.4 A UNIVERSIDADE POPULAR E A ESCOLA DO TRABALHO

Para Gramsci, a universidade é burocrática e distante da compreensão orgânica e, a seu ver, sua função deveria ser educar os cérebros para pensar de forma consciente e autônoma.

Em relação à Universidade Popular de Turim, Gramsci faz uma severa crítica ao dizer que a mesma não é nem universidade, nem popular, pois sua chama é fria e não desperta o interesse dos estudantes. E, em relação aos seus dirigentes, afirma:

Os dirigentes da Universidade Popular sabem que a instituição que guiam deve servir para uma determinada categoria de pessoas, a qual não pôde seguir estudos regulares nas escolas. E basta. Não se preocupam com o modo mais eficaz como esta categoria de pessoas pode aproximar-se do mundo do conhecimento. Encontram um modelo nas instituições de cultura já existentes: decalam-no, pioram-no. Seguem mais ou menos este raciocínio: quem frequenta os cursos da Universidade Popular tem a idade e a formação geral de quem frequenta as universidades públicas; demos-lhe, portanto, um sucedâneo destas (MONASTA, 2010, p. 61).

Ainda em relação às universidades populares como a de Turim, Gramsci insiste em afirmar que elas preferem oferecer cursos inúteis, ligados ao fingimento do que primar pela eficácia, o que é reforçado pelo conferencista que adultera o que deveria ser o trabalho sério do professor.

Gramsci acredita num ensino desenvolvido de forma a despertar o espírito criativo e incentivar o surgimento de uma nova vida individual, tornando-se um ato de libertação. Para o autor, o ensino:

Deve afirmar a sua eficácia especialmente nas universidades populares, visto que aos ouvintes destas falta precisamente aquela formação intelectual que é necessária para se poder enquadrar num todo organizado os dados singulares da análise. Para eles, especialmente, o que é mais interessante e eficaz é a história da pesquisa, a história da enorme epopeia do espírito humano, que lenta, paciente e tenazmente toma posse da verdade, conquista a verdade. Como do erro se chega à certeza científica (MONASTA, 2010, p. 63).

Este é, para Gramsci, o caminho que todas as escolas, inclusive as universidades populares, devem percorrer. Sendo necessário diferenciar tanto os modos quanto os instrumentos utilizados para a difusão da cultura dentro de um trabalho educativo-formativo, articulando, desta maneira, a dialética, a indução, a dedução e a lógica formal. É preciso, na visão de Gramsci, centralizar e impulsionar a cultura nacional, nas universidades, buscando diminuir a supremacia da Igreja católica.

Gramsci inicia sua reflexão acerca da escola do trabalho citando a existência no país de uma grande “disparidade entre a massa de alunos das artes liberais e a dos alunos da arte da produção do trabalho” (MONASTA, 2010, p. 55-56).

Para o autor,

É o proletariado que deve exigir, que deve impor a escola do trabalho. Tudo o que contribua para intensificar e melhorar a produção interessa de perto ao socialismo e ao proletariado. [...] Nem monopólio excludente por razões de guerra econômica, nem protecionismo sequer para o proletariado (MONASTA, 2010, p. 58).

Gramsci acredita na concorrência leal de capacidades que incentive novos talentos, valorizando as boas qualidades. E, o proletariado pode forçar o Estado a criar as escolas do trabalho, que garantirão o surgimento de uma nova geração de produtores.

3.5 CULTURA

O tema “cultura” é amplamente discutido nos escritos de Gramsci e citado várias vezes na obra de Monasta (2010). Entre os relatos, é dado destaque ao primeiro curso da Escola de Cultura e Propaganda Socialista.

3.5.1 A escola de cultura

Percebe-se no texto selecionado a satisfação dos organizadores ao dar início aos encontros do curso, que oferecia lições de teoria e exercícios práticos a alunos que, apesar de virem cansados do trabalho, traziam consigo o frescor necessário à mente para fazer cumprir os atos educativos.

Nas palavras de Gramsci, definindo essa satisfação:

E vimos à nossa volta, apinhados, apertados uns contra os outros nos bancos incômodos e no espaço exíguo, estes alunos insólitos, na maior parte não jovens, fora, portanto, da idade em que aprender é coisa simples e natural. Todos cansados por um dia de fábrica ou de escritório, seguir com a atenção mais intensa o decorrer da lição, esforçando-se por assiná-la no papel, fazendo sentir de modo concreto que entre quem fala e quem escuta se estabeleceu uma corrente viva de inteligência e de simpatia. Isto não seria possível se o desejo de aprender, para estes operários, não surgisse de uma concepção do mundo que a própria vida lhes ensinou e que eles sentem necessidade de esclarecer para a possuir concretamente, para poder atuá-la plenamente (MONASTA, 2010, p. 68).

Os comentários dos organizadores mostravam a esperança de continuidade e evolução de todos os envolvidos.

3.5.2 Estudo da filosofia e da história da cultura

Gramsci introduz seu estudo sobre a filosofia e a história da cultura afirmando que todos os homens são filósofos, possuidores de uma filosofia espontânea que está presente na própria linguagem; no senso comum e no bom senso; na religião popular.

É justamente isso que interliga a filosofia com a cultura. Quando diz que a filosofia está presente na própria linguagem, Gramsci se refere ao conjunto de noções e conceitos determinados e não à simples conteúdos gramaticais. E, na religião popular o autor engloba o sistema de crenças, opiniões, superstições e modos de ver e agir que se manifestam diariamente e são chamados de folclore (MONASTA, 2010).

Após essa abordagem sobre o fato de que todos são filósofos, Gramsci levanta um questionamento relacionado ao momento da crítica e da consciência:

É preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por vários grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo [...] ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (MONASTA, 2010, p. 70).

Percebe-se a importância que Gramsci atribui ao conhecimento de si mesmo, fundamental para o homem iniciar sua elaboração crítica. O autor sugere o que ele denomina de fazer o inventário. Ou seja, conhecer e ter consciência da própria origem e a infinidade de traços recebidos por meio dessa origem.

Sendo assim, tanto a filosofia quanto a cultura não podem ser separadas da história da filosofia e da história da cultura, respectivamente. Ou seja:

No sentido mais imediato e colado [à realidade], não podemos ser filósofos, isto é, ter uma concepção do mundo criticamente coerente, sem a consciência da nossa historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções (MONASTA, 2010, p. 71).

Em relação à linguagem, Gramsci esclarece que através dela é possível avaliar a complexidade da concepção de mundo e de cultura de cada pessoa. Quem consegue ampliar sua linguagem amplia também, conseqüentemente, sua concepção de mundo e sua cultura.

Outra questão importante está relacionada ao fato de que apenas fazer descobertas originais individuais não cria, necessariamente, uma nova cultura. Gramsci defende que é preciso “difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las”, por assim dizer, transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral” (MONASTA, 2010, p. 72).

Ou seja, é bem mais importante conduzir um grande número de pessoas a pensar coerentemente e de maneira unitária, do que a descoberta de uma nova verdade que só seja acessada por um grupo pequeno de intelectuais.

3.6 HISTÓRIA DOS INTELECTUAIS

O termo “intelectuais” é muito utilizado nos escritos de Gramsci. Para ele, os intelectuais são formados no interior de sua classe. Ou seja, todo grupo social possui ou produz um intelectual que tem a função de representar sua classe e também de conscientizá-la. Gramsci também define as duas categorias de intelectuais: o intelectual orgânico e o intelectual tradicional. O orgânico é o intelectual proveniente da classe social que o gerou, tornando-se seu especialista, organizador e homogeneizador. O intelectual tradicional é aquele que acredita estar desvinculado das classes sociais.

Os intelectuais orgânicos estão habilitados a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam. Em suma, a hegemonia de uma classe também está ligada ao papel que os seus intelectuais desempenham. Segundo Gramsci, assim como todo homem é filósofo, também todo o homem é intelectual, mesmo que não assuma essa função na sociedade. A escola, o partido, a fábrica, a participação em organizações etc., são espaços criadores de intelectuais.

Em relação ao intelectual orgânico, Gramsci discorre:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (MONASTA, 2010, p. 92)

O intelectual tradicional, por sua vez, possui características que Gramsci afirma trazer consequências importantes no campo ideológico e político, pois sua formação é um problema histórico interessante, que remonta aos tempos da escravidão do mundo clássico, desde a organização social do Império Romano.

Dado que estas várias categorias de intelectuais tradicionais sentem como “espírito de corpo” sua ininterrupta continuidade histórica e sua “qualificação”, eles se colocam como autônomos e independentes do grupo social dominante; esta autoafirmação não deixa de ter consequências de grande importância no campo ideológico e político (toda filosofia idealista pode ser facilmente relacionada com esta posição assumida pelo complexo social dos intelectuais e pode ser definida como a expressão desta utopia social segundo a qual os intelectuais acreditam ser

“independentes”, autônomos, revestidos de características deles próprias etc. (MONASTA, 2010, p. 93)

Percebe-se a preocupação de Gramsci em compreender a existência de um ponto de união entre os intelectuais, mesmo que sejam de categorias diferentes. Para ele, essa unidade não se refere à atividade intelectual intrínseca, mas sim no conjunto das relações sociais existentes. Ou seja, mesmo quando um operário exerce uma atividade física que parece ter apenas uma função mecânica, o trabalho intelectual criador está presente.

Gramsci também diferencia o intelectual urbano do intelectual rural.

3.6.1 Intelectuais de tipo urbano e de tipo rural

Segundo Gramsci, os intelectuais urbanos ascendem socialmente, confundindo-se com suas classes. São aqueles que “cresceram juntamente com a indústria e são ligados às suas vicissitudes” (MONASTA, 2010, p. 100). Já os intelectuais rurais, na maioria tradicionais, estão ligados à massa social camponesa e pequeno-burguesa, posta em movimento pelo sistema capitalista.

Enquanto os intelectuais urbanos não exercem influência política na massa, pois, ao contrário, sofrem influência destas pelos seus intelectuais orgânicos, os intelectuais rurais exercem maior poder sobre a massa ligada à sua classe, agem e são considerados como líderes, como governantes. A classe camponesa está sempre subordinada a um tipo de intelectual tradicional que não possui identificação alguma com esta classe (MONASTA, 2010).

Segundo Gramsci, é o partido político que acaba proporcionando a fusão entre os intelectuais orgânicos do grupo dominante com os intelectuais tradicionais. E o partido político acaba desempenhando sua função de uma forma bem mais orgânica que o Estado, fazendo com que, muitas vezes, os intelectuais acreditem serem, eles mesmos, o Estado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprofundar a pesquisa sobre Antonio Gramsci fez com que o pesquisador se deparasse com muitas encruzilhadas no decorrer do trabalho. Uma das grandes dificuldades foi decidir qual caminho seguir, pois a morte precoce do autor abre possibilidades de trilhar os mais diversos caminhos a respeito de seus escritos. Escritos esses que perpassam os mais diversos campos do conhecimento, como a Filosofia, as Ciências Sociais e a Pedagogia, por exemplo.

Gramsci escreveu boa parte de sua obra no exílio, motivado pela realidade fascista da Itália na época. Mesmo após tanto tempo, seus escritos servem de subsídio para questões atuais.

Considerando a contribuição de Gramsci acerca de formação de intelectuais, educação e cultura, alguns questionamentos afloraram: as produções científicas nos moldes de hoje seriam o caminho para o desenvolvimento das capacidades humanas como um todo? E podemos ir além nesse questionamento, é esse o papel da ciência? Que tipo de intelectuais somos e/ou que tipo de intelectuais são produzidos?

Gramsci se refere a uma mudança cultural mais profunda, pois a formação de intelectuais (nas mais diferentes esferas de produção de intelectuais), por exemplo, também é produto de uma cultura, e sendo assim ela também pode agir para dar legitimidade à hegemonia da classe dominante. Na atualidade, a formação de intelectuais se dá pela Ciência. Mas qual é a neutralidade de uma Ciência, produto de uma história e de uma cultura de determinada organização social (liberal, ocidental, iluminista)?

O aprofundamento das leituras de Gramsci revelou uma dificuldade em fazer um recorte específico à educação, pois os escritos do autor englobam diferentes esferas sociais interligadas. Ou seja, é muito difícil falar em educação sem falar de Estado; falar em Estado, sem citar Sociedade Civil, Sociedade Política e/ou Hegemonia.

Pois afinal, de maneira nenhuma querendo diminuir, e quem seria eu para isso, mas apenas para questionamento, como temos certeza que a pedagogia e as praticas propostas pelo autor chegariam ao destino que ele imaginava? Afinal, em seus escritos foi possível perceber a sua posição em relação aos limites da escola unitária. Situação essa também presente nas palavras de Nosella e Azevedo (2009, p. 27): “Certamente, Gramsci sabia que nenhum projeto pedagógico, nem sequer o da escola unitária, por si só romperia a barreira da injustiça social”. Afinal, é perceptível nessa linha de raciocínio dos autores que “[...] também a sociedade de classes precisa implementar um projeto político que a torne social e culturalmente cada vez mais unitária”.

Para Gramsci, segundo Nosella e Azevedo (2009, p. 27) “O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo”.

Interessante a preocupação de Gramsci com as mudanças que seriam necessárias ocorrer na escola devido as mudanças do mundo na época, e se a escola estava acompanhando essas mudanças, preocupação essa que se percebe até hoje nos debates acerca de Educação e papel da escola.

Gramsci mostrou como a educação se articula na sociedade, podendo ser a chave da mudança cultural de um povo para a quebra de hegemonia da classe dominante.

Finalizando, mais questionamentos em aberto: Quais os limites de exploração de uma teoria não concluída pelo seu autor (se é que tem)? Afinal, a ciência, com todas as críticas que pode receber, nos permite isso também: não deixar que um estudo se encerre em si e por si. Ou seja, é no mínimo um ponto de partida para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: Gramsci, Laclau e Mouffe. **Lua Nova**, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>. Acesso em: out. de 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Leis e Decretos. **Decreto nº. 11.741, de 16 de junho de 2008**. Brasília: MEC, 2008.
- BUCKEL, Sonja; LESCANO, Andreas Fischer. Reconsiderando Gramsci: hegemonia no direito global. **Rev. direito GV**, São Paulo, v. 5, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322009000200012. Acesso em: out. de 2016.
- DURIGUETTO, Maria Lúcia. A questão dos intelectuais em Gramsci. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 118, p. 265-293, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n118/a04n118.pdf>. Acesso em: out. 2016.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas: São Paulo, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- _____. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- _____. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. **Lettere dal Carcere**. Turim: Giulio Einaudi Editore, 1975.
- MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Coleção educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Mário Luiz Neves. A educação em Gramsci. In: FALCO, Aparecido Meire Calegari (org.). **Sociologia da Educação: múltiplos olhares**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2009 – Coleção Formação de Professores – EAD; v. IX
- OLIVEIRA, Thiago Chagas. Gramsci e a concepção marxista de escola. **Filosofia e Educação**, v. 2, n. 1, abr./set. 2010. Disponível em: <http://periodicos.bc.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/download/>. Acesso em nov. 2015.
- PEREIRA, Laurindo Mékie . A questão regional no pensamento de Antonio Gramsci e Celso Furtado Pereira. **Topoi**, v. 10, n. 18, jan./jun. 2009.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Sociedade civil e Gramsci: desafios teóricos e práticos**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 109, jan./mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000100002. Acesso em: out. 2016.

WELLER, Wivian. Hermenêutica como método empírico de investigação. In: 30ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu, Minas Gerais, 07 a 10 de Outubro de 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT17-3288--Int.pdf>. Acesso em out. 2015.